

KANT E A EDUCAÇÃO MORAL

Maria Aparecida Viggiani Bicudo

Professora Livre-Docente do Departamento de Ciências da Educação do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação do "Campus" de Araraquara da UNESP.

A concepção kantiana sobre educação moral está intimamente conectada à forma que Kant vê a própria educação, dado o vínculo que estabelece de modo implícito, entre a tarefa da educação e o pleno desenvolvimento das possibilidades do homem visto como um ser moral, por excelência.

Kant vê a educação de um modo muito sério e digno. Percebe o papel essencial que ela desempenha no processo de realização do ser do homem ao ver a relação existente entre a "educação" e a "humanidade" daquele ser. Para ele, o homem é o único ser que necessita de educação porque não possui instintos — como os demais animais — que o tornem aquilo que ele tem de ser. Por não possuir instintos, o homem necessita de uma razão própria e necessita elaborar um plano de conduta que o faça sobreviver. Mas não consegue realizar isso sozinho porque veio ao mundo não desenvolvido. Precisa, para tanto, do auxílio de outras pessoas. E esta é a tarefa da educação: fazer com que o homem realize o seu destino.

Tal realização não é conseguida por um homem individual. Mas, é conseguida mediante o esforço de sucessivas gerações as quais, cada uma, isoladamente, lega à posterior maiores possibilidades de atualização ao ser do homem.

"Cada geração, provida com o conhecimento da anterior, está cada vez mais apta para realizar uma educação que desenvolverá os dados naturais do homem em sua devida proporção e em relação com o seu fim e, assim, avançar toda a raça humana no sentido do seu destino."¹

Esta idéia mostra a profundidade da sua apreensão a respeito da realidade do homem. Esta engloba, de modo essencial, o processo da educação, não apenas no que se refere à transmissão dos feitos culturais de uma geração a outra, mas, sobretudo, como aperfeiçoamento da natureza do ser do homem.

Kant não vê, portanto, a educação como um encargo apenas dos pais ou de alguns indivíduos, mas de toda a raça humana. Trata-se de uma arte que se aperfeiçoa através das gerações, de modo lento, gradual e

como resultado dos esforços delas para realizar o destino do homem. Este destino se refere à expressão do “bem” que se encontra escondido na natureza humana. O “bem” é dado ao homem como tendência apenas e cabe a ele desenvolvê-lo, de tal modo, que possa chegar à distinção da lei moral. Neste sentido, ele afirma:

“O homem deve desenvolver suas tendências para o bem. A providência não colocou a bondade pronta e já formada nele, mas meramente como uma tendência e sem a distinção da lei moral. O dever do homem é aperfeiçoar-se, é cultivar a sua mente e quando se encontrar perdido deve trazer a lei moral a si.”²

Os germes do “bem” se encontram escondidos na própria realidade humana, mas não os do mal. Este é o resultado da natureza não ser controlada. Há necessidade que se faça aqui uma diferenciação entre a natureza do homem que diz respeito à sua humanidade e a natureza do homem enquanto referindo-se aos seus aspectos intuituais. A realização do “bem” diz respeito à auto-subjugação do homem ao “tu deves” que ele necessita seguir como a máxima suprema para a sua vida. O mal, por seu lado, refere-se apenas a não subjugação dos instintos animais às regras.

“É através da boa educação que todo o bem surge no mundo. Por causa disto, os germes que jazem escondidos no homem necessitam ser cada vez mais desenvolvidos; porque os rudimentos do mal não são encontrados na disposição natural do homem. Mal é, apenas, o resultado da natureza não ser trazida sob controle. No homem há, apenas, germes do bem.”³

O papel da educação torna-se, então, primordialmente importante para a realização do homem, pois é por ela que o bem surge no mundo. A boa educação, de acordo com Kant, volta-se não somente para o treino do intelecto, pois é de parecer que o homem não apenas deve tornar-se mais inteligente mas, também, bom. Insere-se, aqui, a noção da educação moral como algo diferente e superior daquela que se preocupa em dar instruções e em tornar o homem mais inteligente. Afirma:

“É, de certo, necessário para indivíduos particulares manterem este fim natural tendo em vista (o desenvolvimento da inteligência), mas devem também ter em mente, mais particularmente, o desenvolvimento da humanidade e ver que o homem não se torne apenas inteligente, mas bom...”⁴

O cerne da boa educação para Kant — que se refere àquela que procura tornar o homem bom — é o treino moral, pois é este que leva o homem a viver como um ser livre.

O treino moral ou a educação prática se fundamenta essencialmente na disciplina que é mantida através da obediência e da punição. De acordo com Kant, esses três fatores — disciplina, obediência e punição — se encontram presentes em todo o processo da educação, quer seja no da educação física, ou no da educação da mente, quer seja no da educação prática.

A disciplina desempenha o papel de agente repressor dos instintos animais presentes no homem. É de parecer que a criança necessita da disciplina para que seja evitado que ela se distancie da sua humanidade. Neste sentido é totalmente negativa. É por meio dela que a obediência à regra surge no homem, podendo este dominar os seus instintos, de tal forma, que venha a agir baseado essencialmente na norma universal do “tu deves” chegando, então, a ser livre.

A concepção do homem livre torna-se, desse modo, o centro da educação moral. Note-se que a liberdade é conseguida mediante a disciplina, pois o homem livre é aquele senhor dos seus atos e não subjugado aos seus instintos. É o homem que aprende a se orientar pelos comandos da razão, e age segundo as normas universais que emanam da sua consciência, ou seja, age de acordo com a lei que está dentro de si.

“À lei que está dentro de nós chamamos consciência. Consciência, falando propriamente, é a aplicação das nossas ações a esta lei.”⁵

Dado o significado que a liberdade assume para a realização da humanidade do homem, tem-se que o treino moral desempenha papel primordial na concepção kantiana da educação. Antes, porém, que o focalize diretamente, é importante se faça uma descrição rápida dos principais aspectos do que Kant entende por Educação Física, tanto no concernente à educação do corpo, como à cultura, uma vez que nela se encontram os primeiros passos da Educação Moral.

À Educação Física pertencem a disciplina do corpo e da mente. Envolve, desse modo, a educação do corpo e o que denomina de cultura. Esta consiste, principalmente, no exercício das faculdades mentais e abrange a instrução, o cultivo da mente e a cultura moral. Faz, portanto, uma distinção entre Cultura Moral e Treino Moral ou Educação Prática, que será focalizada posteriormente. É interessante notar que o termo “cultura” tem aqui o significado de cuidar-se de algo para que cresça, para que se desenvolva. É utilizado no sentido de cultivar alguma coisa.

A Educação Física do corpo concerne à disciplina do mesmo. Possui, assim, um aspecto puramente negativo, pois consiste, basicamente, de restrições dos instintos animais. Afirma que:

“o treino físico, falando propriamente, consiste no atendimento e na nutrição da criança...”⁶

Ao expor suas idéias a respeito da Educação Física, aponta uma série de questões específicas concernentes aos cuidados que devem ser dedicados à criança. Dentro de tal linha de raciocínio tem comentários sobre a melhor forma de nutrir a criança e apresenta, ainda, algumas regras específicas que devem ser seguidas para que certos aspectos considerados ruins para a pessoa não sejam desenvolvidos. Assim, por exemplo, afirma que a criança deve ser nutrida com leite materno, pois este é o seu alimento natural; que uma educação física severa é muito útil para manter o corpo firme e erecto.

É interessante observar que no tocante à Educação Física do corpo, Kant se distancia do nível que os seus raciocínios sobre a universalidade dos imperativos categóricos apresentam e se atém às regras particulares de procedimentos carregados de suposições características do senso comum sobre o que é certo e o que é errado. Os conteúdos dessas regras são simplórios e não correspondem à sua percepção da essência da educação. Tais mandamentos devem ser cegamente obedecidos pela criança para que ela não seja estragada com mimos e, principalmente, porque deve obediência ao adulto.

A parte positiva da Educação Física se refere à cultura. É positiva por procurar fazer com que a habilidade cultural seja cultivada, ao invés de tentar fazer com que seja extinta como é o caso da disciplina do corpo cujo papel é eliminar as tendências instintivas animais.

O objetivo primordial da cultura é o cultivo da mente que possui dois aspectos. Um que se relaciona à natureza e que, portanto, é físico. Trata-se, neste caso, de fazer com que a criança domine o seu corpo. Afirma:

“O que deveria ser observado na Educação Física com respeito ao treino do corpo, relaciona-se ou ao uso dos movimentos voluntários ou aos órgãos do sentido. No primeiro caso, o que se quer é que a criança possa sempre fazer coisas por si mesma. Por isso são necessárias força e habilidade, rapidez e auto-confiança, de modo que ela seja capacitada, por exemplo, a subir escadas com os olhos vendados ou a atravessar uma tábua estreita.”⁷

O cultivo da mente diz respeito, também, à cultivação da natureza que, sob certos aspectos, não deixa de ser física. Almeja apenas o cultivo da natureza do homem.

Com referência à cultura da natureza, faz uma distinção entre cultura livre e cultura escolástica. A livre se refere à educação que, hoje, é denominada informal. Trata das aprendizagens que ocorrem por meio do brincar e do passatempo, enquanto as aprendizagens da educação escolásticas ocorrem por meio do trabalho.

“A cultura escolástica constitui trabalho para a criança, a cultura livre constitui brincar.”⁸

A atitude predominante da cultura escolástica é a seriedade com que a criança desempenha a tarefa de que é incumbida. Lazer e trabalho são atividades fundamentalmente diferentes e ocorrem em tempos diversos. As crianças devem aprender a trabalhar e, portanto, a sujeitarem-se a longos períodos de aprendizagem séria, uma vez que

“o homem é o único animal que é obrigado a trabalhar.”⁹

O lugar, por excelência, onde o trabalho é cultivado é na escola. É aí que deve ser desenvolvida uma atitude séria frente àquilo que faz. É de parecer que existem aprendizagens árduas e que exigem muito esforço não podendo ser amenizadas com atividades lúdicas, pois isto seria misturar duas coisas de natureza distinta.

Com esta colocação fica bem claro o papel que a escola desempenha para Kant. Ela representa o lugar onde a criança aprende a se submeter à disciplina, ao trabalho que é algo obrigatório. Onde aprende a se disciplinar com relação às exigências que lhe são impostas através das regras que deve seguir.

O outro aspecto da cultura concernente à parte positiva da Educação Física diz respeito ao cultivo da mente, almejando agora as faculdades mentais. Esta cultura deve, entretanto, ter como objetivo apenas as faculdades mentais superiores uma vez que as inferiores podem ser abordadas ao se trabalhar com as primeiras. As faculdades mentais superiores compreendem: a inteligência, a compreensão, o conhecimento, o julgamento, a razão. Afirma:

“As faculdades inferiores não possuem valor em si; por exemplo, um homem que possui uma boa memória, mas não julgamento. Tal homem, é meramente, um dicionário ambulante. Estas bestas de Parnassus contudo, são de alguma utilidade porque se elas não podem fazer nada de útil por si mesmas, podem, pelo menos, fornecer material a partir do qual outras pessoas podem produzir algo de bom. Inteligência divorciada do julgamento nada produz a não ser tolice. Compreensão é o

conhecimento do geral. Julgamento é a aplicação do geral ao particular. Razão é o poder de compreender o geral e o particular.”¹⁰

No cultivo dessas faculdades tem-se que a memória deve ser cuidada desde cedo, nunca, porém, isoladamente, mas sempre em concomitância com o entendimento. Este, por sua vez, é cultivado pelas regras. Proceder não do mero seguir as regras de forma mecânica, mas da consciência do “seguir as regras”. Kant é de parecer que tanto o estudo quanto a aplicação das regras não devem ocorrer abstrata e separadamente, mas devem ser as regras memorizadas de acordo com uma noção de conjunto do significado de um grupo delas.

A característica predominante do processo educativo concernente à Educação Física, tanto no que se refere ao corpo como à cultura, é o exercício da disciplina a qual almeja fazer com que a criança adquira o hábito de seguir as regras. Esta educação exige da criança uma atitude passiva ao solicitar dela apenas que siga a orientação dos outros.

Opondo-se a essas características da Educação Física encontra-se o Treino Moral que tem por objetivo a liberdade do homem. Tal treino não é baseado na disciplina, mas nas máximas. Sua preocupação é fazer com que a criança aja de modo correto não meramente por hábito, porém a partir das próprias máximas. O pressuposto fundamental deste treino é que o pensamento deve ser cultivado para que a criança possa basear-se em máximas para o seu “agir corretamente”. Com isto, é exigida uma atitude ativa, pois implica “pensamento”.

“Educação Física, então, é distinguida da moral, pois a primeira é passiva e a segunda é ativa, para a criança.”¹¹

Dadas essas considerações, torna-se significativo estudar esse pressuposto fundamental da Educação Moral e a forma que Kant propõe que se aja de modo a cultivar a liberdade, essência do homem. Este estudo é importante para ver até que ponto suas percepções sobre educação e educação moral se mantêm na prática educativa, ou seja, se esta realmente, no que concerne à Educação Prática, procura desenvolver uma atitude ativa na criança.

Abordar-se-ão, inicialmente, as “máximas”, uma vez que é o seguir delas a partir da própria consciência que eleva o homem à sua dignidade essencial de ser livre. Esta é a tarefa essencial da educação moral.

O primeiro esforço da Educação Moral deve ser a formação do caráter que consiste na

“prontidão para agir de acordo com as máximas”.¹²

Kant afirma que no treino moral deve-se procurar infundir nas crianças, desde cedo, idéias sobre o que é certo e o que é errado. Que, para se estabelecer a moralidade, deve-se evitar a punição, pois ela é algo tão sagrado e divino que não deve ser degradada sendo colocada no mesmo nível da disciplina.

Para a educação, a questão que surge com relação às “máximas” é: “como elas são apreendidas?” ou, colocando na linguagem kantiana, “como o caráter é formado?”. Para Kant, o ponto essencial para tal formação é o estabelecimento de regras em tudo o que cerca a criança. Tais regras devem ser estritamente obedecidas.

“Se desejarmos formar o caráter nas crianças, é da maior importância apontar-lhes certo plano e certas regras em tudo, os quais devem ser aderidos de modo estrito.”¹³

As regras se referem às máximas subjetivas procedentes ao entendimento do homem. Numa ordem progressiva, as primeiras máximas com que a criança se depara são aquelas da escola e, posteriormente, as da humanidade.

E aqui se encontra um antagonismo. Embora as regras procedam da compreensão do homem e embora para se estabelecer a moralidade deva-se abolir a punição, não se deve admitir nenhuma infração à disciplina da escola. E mais: A punição a tal desobediência deve sempre estar relacionada à ofensa cometida.

Mediante tal raciocínio, a criança não é exposta aos princípios gerais relativos às máximas quando estiver frente a uma questão moral, mas é submetida a um julgamento baseado no princípio da justiça repressiva. Esta implica fazer algo à pessoa de acordo com aquilo que ela fez. É o julgamento moral típico “olho por olho, dente por dente”. Veja-se, a seguinte passagem:

“Por exemplo, se uma criança encontrasse outra mais pobre do que ela e a empurrasse rudemente ou lhe batesse, não deveríamos dizer ao agressor ‘não faça isso, você a machucará, você deveria ter piedade dela, ela é uma criança pobre etc.’ Mas deveríamos tratá-la do mesmo modo malcriado, porque sua conduta está contra os direitos do homem.”¹⁴

Intimamente conectada à Justiça Repressiva encontram-se a obediência e a punição.

A obediência é um aspecto central do treino moral, de acordo com Kant. É importante que a criança obedeça ao seu mestre. Esta obe-

diência que pode ser compulsória, é absoluta. É necessária porque é ela que prepara a criança para a execução da lei a que terá de obedecer mais tarde. A obediência pode, também, surgir da confiança, mas esta é, então, de um segundo tipo e não desempenha papel essencial para a formação do caráter. Tal formação culmina na submissão do adulto às regras do “dever” e, portanto, no “tu deves” que é o cerne da moralidade kantiana. Faz, para tanto, uma distinção entre a obediência a que o jovem deve submeter-se e aquela a que a criança o deve.

“A obediência do jovem deve ser distinguida da obediência da criança. A primeira consiste na submissão das regras do dever. Fazer algo pelo dever significa obedecer à razão... A criança deve ser guiada pelo instinto. Mas, à medida que ela cresce deve aparecer a idéia do dever.”¹⁵

Ao enfatizar a obediência, quer seja aos comandos do mestre pela criança, quer seja ao dever pelo jovem, não focaliza o entendimento do significado das regras consideradas em conjunto. As regras, a que se refere, são específicas, particulares e rígidas chegando mesmo a mencionar um catecismo de condutas corretas¹⁶ que a criança deveria memorizar e seguir de modo estrito.

Indo, contra também, ao seu postulado sobre moralidade, no treino moral Kant dá grande ênfase à punição. Desobediência é sempre seguida pela punição¹⁷. Todo comando que não for obedecido exige punição física ou moral. A física consiste em rejeitar uma socilitação da criança ou em infligir-lhe dor corporal. Moral, quando se faz algo depreciativo à criança, negando-lhe amor ou honra.

Obediência e punição são, assim, fatores fundamentais para a formação do caráter. A obediência porque permite o desenvolvimento do senso de dever que, para ser apreendido, exige que se sujeite a criança a certa lei de necessidade. À base desta percepção estão a obediência a certas regras e a existência de leis necessárias. O fator desencadeante da obediência é a punição.

Para que o senso de dever seja formado a criança precisa ser colocada frente aos deveres que necessitam ser executados através de exemplos e de regras. Há dois tipos de deveres: os deveres para consigo mesma e os deveres para com os outros.

Dentre os deveres que precisa desenvolver em relação a si mesma encontram-se o “não contar mentira” e o “manter a promessa”. Ambos fazem com que a pessoa se auto-respeite ferindo a sua dignidade. Pela

mentira a pessoa se degrada enquanto ser humano, pois ela se engana no próprio âmagô do seu ser ao negar-se comunicar o pensado pelo seu pensamento.

“Mas é realmente através da mentira que uma criança se degrada abaixo da dignidade do homem, desde que mentira pressupõe o poder de pensar e comunicar o próprio pensamento ao outro. Mentir faz do homem o objeto do desprezo comum e é um meio de roubar-lhe o respeito e a verdade de si mesmo que todo homem deveria ter.”¹⁸

Encontra-se, nesta passagem, a percepção de Kant sobre o significado da palavra. É a expressão deste significado que expõe a realidade humana e é isto que é roubado àquele que mente.

O manter uma promessa possui o mesmo significado que o contar mentira possui em relação aos auto-respeito e autoconfiança da pessoa. Aquele que não mantém uma promessa promulgada perde a confiança em si e, em conseqüência, se degrada.

“Por exemplo, se um homem faz uma promessa, deve mantê-la por mais inconveniente que possa parecer para si mesmo; porque um homem que toma resolução e falha para mantê-la não terá mais confiança em si.”¹⁹

Dentre os deveres que deve possuir com relação às outras pessoas encontra-se o respeito aos direitos dos outros. Para que aprenda isto, é preciso que quando aja de modo que vá contra tal dever, ela seja tratada da mesma forma que agiu ao não respeitar aquele direito. O ponto básico desta aprendizagem ainda é a punição, e não, o entendimento do princípio do direito humano.

Ao se analisar a Educação Moral, percebe-se que Kant aprendeu, de modo profundo, a importância do entendimento da máxima para a ação moral do homem enquanto ser livre. Entretanto, não se encontra um correspondente desta apreensão nos procedimentos práticos que sugerem devam ser realizados para que o adulto seja moralmente autônomo.

O Treino Moral que apresenta é altamente repressor baseado na disciplina, na obediência e na punição. É fundamentado, concomitantemente, em dois tipos de moral: na heterogênea e na autônoma. O treino moral destinado à criança é constituído por uma moral rígida, autoritária e por preceitos que devem ser seguidos à risca. É eminentemente heterônima, pois as regras que a criança deve seguir emanam do adulto. Este treino, por sua vez, é que irá formar o homem livre, moralmente autônomo e orientado pelas máximas morais ditadas pela razão.

Subjacentes à Educação Moral que Kant apresenta, encontram-se duas visões de homem antagônicas entre si. O homem é visto, por ele, como um ser duplo que possui uma parte instintiva e que é ruim e muito forte, devendo ser reprimida, e outra que é racional, mas é muito tênue, vingando apenas com muita cautela. É, por isso, que o senso de dever é central, pois é ele que fará com que o homem subjuguie seus instintos à razão; donde, portanto, a supremacia do sistema repressor.

Em conexão a essa dualidade de visões, tem-se que o homem que conhece é visto de modo diferente do homem que é objeto da educação moral.

O homem que conhece é um ser ativo, que organiza aspectos do mundo fenomenal. Do ponto de vista epistemológico possui um conhecimento "a priori" das categorias do entendimento, isto é, das formas impostas aos dados básicos da experiência para torná-los inteligíveis. Assim, a causalidade não é tanto quanto se conhece um aspecto das coisas em si, ou seja, do mundo fenomenal. Antes, é uma categoria correspondente à forma de conhecimento do homem que ordena aspectos do mundo fenomênico em causas e efeitos.

A criança, sujeito da educação moral, por sua vez, é aquele ser que deve obedecer cegamente às ordens do adulto para que seja disciplinado e possa, assim, vir a ser subjugado à voz da razão. Inicialmente a criança é passiva no sentido de que não lhe compete outra coisa a não ser obedecer normas externas provenientes do comando do adulto. Já o adulto deve obedecer aos comandos morais ditados pela universalidade do seu raciocínio. O adulto seria, então, um ser ativo. Mas, até que ponto ele não estaria respondendo às regras que lhe foram impostas, paulatinamente, durante o decorrer da sua vida? Seria isto autonomia, ou o comando externo já se haveria tornado tão forte que não seria mais necessária a presença física do outro adulto para emitir ordens, uma vez que à criança que este adulto fora nunca foi permitido pensar em termos morais?

SUMÁRIO:

Tem-se, pois, que Kant coloca a educação ao nível do auxílio da realização plena da natureza do homem a qual, sem ela, não seria elevada ao estado de liberdade, mas permaneceria no de instinto. É bastante perspicaz ao mostrar que, apenas o desenvolvimento da inteligência não leva a nada, mas é necessário que o homem faça julgamentos no sentido do "bem". Desse modo, a supremacia da educação, tal qual ele a vê, está no treino moral que objetiva formar o caráter da pessoa. Este só é formado se

se conseguir fazer com que a pessoa se oriente pelas máximas morais ditadas pela sua consciência.

Sua percepção sobre o papel que a educação desempenha com relação ao desenvolvimento do ser do homem e sobre a necessidade de ir-se além do desenvolvimento da inteligência, tendo-se em vista o bem, faz com que o seu trabalho, neste sentido, deva ser analisado de modo crítico e profundo por aqueles que se preocupam com a área de conhecimento concernente à Educação. Entretanto, deve ficar clara a discrepância existente entre tais percepções e as atividades práticas que aponta, como válidas, na tarefa de educar, as quais, muitas vezes, chegam a contradizer o princípio teórico por ele assumido.

É interessante notar que, para ele, a criança que é objeto da educação moral não é aquele ser cognoscente que organiza os aspectos do mundo fenomenal, mas é um ser que deve decorar as normas do que é certo e do que é errado, sem questioná-las.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

KANT, Immanuel; **Education**; Michigan; The University of Michigan Press; 1966.

NOTAS:

- (1) I. Kant, Education; Michigan University of Michigan Press; 1966; pp. 10/11.
- (2) Idem; ibid, p. 11.
- (3) Idem; ibid, p. 15.
- (4) Idem; ibid, p. 18.
- (5) Idem; ibid, p. 113.
- (6) Idem; ibid, p. 34.
- (7) Idem; ibid, pp. 59/60.
- (8) Idem; ibid, p. 67.
- (9) Idem; ibid, p. 69.
- (10) Idem; ibid, p. 71.
- (11) Idem; ibid, p. 10.
- (12) Idem; ibid, p. 84.
- (13) Idem; ibid, p. 85.
- (14) Idem; ibid, p. 102.
- (15) Idem; ibid, p. 90.
- (16) Idem; ibid, p. 103.
- (17) Idem; ibid, p. 88.
- (18) Idem; ibid, p. 102.
- (19) Idem; ibid, p. 99.